

(versão original em inglês publicada em *Plants* 2024, 13, 188. <https://doi.org/10.3390/plants13020188>)

Artigo

Ambiente e plantas brasileiras vistas pelos olhos japoneses há duzentos e vinte anos

Natalia Hanazaki ^{1,*}

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Ecologia e Zoologia, Campus Universitário s/n, 88010-970, Florianópolis SC Brasil; pesquisadora visitante na Universidade Ca'Foscari, Departamento de Ciências Ambientais, Informática e Estatística, Via Torino 155, Mestre, Veneza, Itália; natalia.hanazaki@ufsc.br*
Correspondência: natalia.hanazaki@ufsc.br; Tel.: 55 48 3721 9460

Resumo: Em 2023 a migração japonesa para o Brasil completou 115 anos. Porém, a primeira vez que japoneses chegaram ao Brasil e deixaram um testemunho de sua experiência foi há cerca de dois séculos. Os seus relatos foram registrados num documento histórico, escrito à mão durante o período Edo, quando o Japão adotava uma política de portas fechadas. O episódio da visita ao Brasil é apenas uma pequena parte da odisséia de quatro marinheiros japoneses que partiram de Ishinomiya para Tóquio no final do século XVIII, mas viajaram inesperadamente ao redor de todo o globo. Depois de uma tempestade, ficaram à deriva durante seis meses até naufragarem nas Ilhas Aleutas; das Ilhas Aleutas russas cruzaram toda a Rússia e embarcaram, em São Petersburgo, na primeira expedição russa para circunavegar o mundo. A única parada deles na América do Sul foi na Ilha de Santa Catarina, sul do Brasil, e esta é a primeira análise desse episódio sob uma perspectiva etnobiológica. Os seus relatos descrevem tanto o ambiente e as florestas como as plantas que observaram e incluem pelo menos 23 táxons de plantas, na sua maioria cultivadas. Essas descrições das plantas e do ambiente são contrastadas com outros relatos do mesmo período e com o ambiente atual encontrado na Ilha de Santa Catarina, inspirando reflexões sobre a construção da imagem do Brasil no Japão antes do século XX.

Palavras-chave: etnobiologia histórica; Mata Atlântica; navegação

1. Introdução

Sendo uma brasileira com ascendência japonesa cujos avós migraram do Japão para o Brasil no início do século XX, a questão das migrações e das identidades sempre me chamou a atenção. Por quê meus quatro avós, em ocasiões diferentes, decidiram mudar-se para o outro lado da Terra há mais de cem anos? Brasil e Japão são antípodas, ou pontos diametralmente opostos na Terra, o que significa que para o Japão não há lugar geograficamente mais distante que o Brasil. Além da forte propaganda governamental prometendo muitas terras e recursos em abundância para as pessoas que sofriam de fome e outros percalços, as pessoas que decidiram atravessar o oceano não sabiam praticamente nada sobre o lugar que escolheram para viver. Mesmo com algum apoio governamental, estas migrações deliberadas tiveram os seus próprios custos porque as pessoas tiveram que se adaptar ao novo país, com uma sociedade e ambiente

diferentes, enfrentando preconceitos, e após uma ou duas gerações, mudando a sua língua materna para o português. Os registros oficiais das migrações japonesas para o Brasil tiveram início no início do século XX com a chegada do navio Kasato Maru em 1908, precedida de negociações bilaterais desde o final do século XIX [1]. Desde então, aproximadamente 250 mil japoneses chegaram ao Brasil como migrantes [2], formando a maior população japonesa fora do Japão, atualmente com aproximadamente dois milhões de descendentes [3].

Para meu espanto, foi somente em 2021 que vi uma postagem na internet sobre a visita do embaixador japonês no Brasil a um monumento memorial aos marinheiros do Wakamiya Maru [4]. Foi quando soube desta incrível história de quatro marinheiros japoneses que viajaram involuntariamente ao redor do mundo, mais de um século antes do início da migração massiva de japoneses para o Brasil. Além disso, o único lugar na América do Sul onde eles pararam foi exatamente a cidade onde trabalho e moro atualmente. Quanto mais buscava informações sobre esse evento, maior era minha surpresa. Esta incrível história de naufragos japoneses que cruzaram todo o território russo e, mais de dez anos após o naufrágio, retornaram ao Japão a bordo da primeira expedição russa de circunavegação do globo, partindo de São Petersburgo, está registrada numa descrição histórica única: um manuscrito do período Edo, denominado *Kankai Ibun* (環海異聞) com 16 partes, escrito pela primeira vez em por volta de 1805 por Otsuki Gentaku e Shimura Hiroyuki [5].

Manuscritos históricos como estes são fontes ricas para investigações etnobotânicas, mesmo considerando algumas imprecisões. Os registros mais antigos (escritos nas línguas usuais da ciência ocidental) sobre as plantas e o meio ambiente no Brasil estão presentes em manuscritos escritos por colonizadores europeus, que incluem documentos como a carta de Caminha [6]—analisada sob uma perspectiva botânica por [7]—e outras descrições mais detalhadas (Gandavo [8], publicado pela primeira vez em 1576) ou posteriormente mais conhecidas, como aquelas após a passagem de Piso [9] publicada em 1658, Humboldt e Bonpland [10] em 1820 e mesmo Darwin [11] em 1832 (publicado em 1859). A etnobotânica em documentos históricos é uma abordagem amplamente explorada em relação às plantas medicinais e alimentícias em registros históricos no Brasil (ex., [12]) e no mundo (ex., [13–14]). A contribuição de documentos históricos, tanto por meio de fontes escritas quanto de iconografias, fornece informações valiosas para a etnobotânica sobre as plantas descritas [15], mas também sobre os observadores que contribuíram para a ciência e às vezes permaneceram suprimidos na história, como as mulheres naturalistas [16]. As abordagens sobre informações em documentos históricos podem ser orientadas por uma pesquisa sobre uma determinada espécie (na maioria dos casos), sobre um determinado tema, ou mesmo analisando o conteúdo de um documento para inferir sobre plantas [17] e não se restringem ao âmbito vegetal (ex., [18]), incluindo registros importantes sobre mudanças na paisagem [19]).

Embora alguns autores tenham explorado partes da incrível história contida em *Kankai Ibun*, incluindo o testemunho material e legado em uma jaqueta usada por um dos marinheiros [20], a descrição de um Globo Terrestre testemunhado em São Petersburgo [21], e uma apresentação teatral evento assistido por eles a convite do imperador Alexandre I [22], nenhuma análise posterior foi realizada sob uma perspectiva etnobiológica. Neste artigo, exploro os depoimentos contidos nos registros escritos do *Kankai Ibun* sobre os meses que esses pioneiros japoneses passaram ancorados em Santa Catarina, Brasil, e comparo essas descrições com outras fontes históricas sobre o ambiente e o ecossistema desta região neste período entre os séculos XVIII e XIX.

Os relatos orais dos primeiros japoneses a circunavegar o mundo foram materializados em diversas versões do *Kankai Ibun* [5], um documento manuscrito. Otsuki Gentaku, o principal autor de *Kankai Ibun*, era um estudioso de *rangaku* (literalmente, aprendizagem holandesa) [23], e foi auxiliado por outros estudiosos que escreveram este manuscrito com base em outros documentos ocidentais disponíveis na

época. Eles tiveram o cuidado de separar as informações dos relatos orais dos naufragos e de suas próprias observações.

Segundo Ramming [21], “esta obra, hoje bastante rara, foi no início do século XIX amplamente divulgada em todo o Japão e lida com afeição por todos os interessados em coisas estrangeiras”. Registros como esses geralmente fornecem descrições vívidas das sociedades nativas contemporâneas com valiosos dados históricos, etnográficos e antropológicos [24], e ainda que alguns estudiosos tenham analisado esses documentos (principalmente em publicações japonesas, mas também em inglês, ver [25]); seu valor permanece em muito negligenciado simplesmente como “contos curiosos” [24].

2. Resultados e Discussão

A odisséia dos naufragos de Wakamiya Maru é descrita em vários documentos, tanto em japonês [5] quanto resumidos em inglês [21, 26]. Em português, além da tradução feita por Tomoko K. Gaudioso do volume 12 do *Kankai Ibun* [27] e de sua análise sobre os primeiros japoneses no Brasil [1], há notas dispersas de jornais e sites da internet e uma publicação recente de um livro infantil sobre este episódio [28]. No entanto, por se tratar de uma história bastante desconhecida do grande público, apresenta-se aqui um breve resumo.

No final do século XVIII, em novembro de 1793, o pequeno navio Wakamiya Maru, com dezesseis tripulantes, partiu de Ishinomaki (atual prefeitura de Miyagi) com destino a Edo (atual Tóquio), transportando 1.300 fardos de arroz e 400 peças de madeira [29]. O que foi planejado como uma viagem de algumas semanas tomou um rumo inesperado: após uma forte tempestade perto da costa de Fukushima, o navio ficou à deriva por mais de 165 dias, ou mais de cinco meses, chegando finalmente à terra firme nas Ilhas Aleutas, no Norte do Oceano Pacífico. Depois de um ano em Unalaska, uma ilha das Aleutas sob domínio russo, os naufragos foram transferidos para Irkutsk, no centro da Sibéria, onde ficaram por mais sete anos. Quando o novo imperador russo Alexandre I decidiu apoiar uma expedição russa com uma embaixada para estabelecer laços comerciais com o Japão, os naufragos japoneses foram convocados para viajar rapidamente para São Petersburgo, onde após uma árdua jornada de mais de 40 dias, tiveram uma audiência com o imperador. Neste momento, três tripulantes do Wakamiya Maru já haviam morrido (o capitão Heibei, o tripulante Kichirōji e o marinheiro Ichigorō) e outros três decidiram permanecer na Rússia devido a um fraco estado de saúde (os marinheiros Sadayū, Ginsaburō e Saizō). Dos dez que compareceram à audiência com o imperador, quatro decidiram retornar ao Japão e seis optaram por permanecer na Rússia e se converter ao cristianismo (os marinheiros Taminosuke, Shigejirō, Yasaburō, Zenroku, Tatsuzō e Minosuke) [29].

Um lembrete importante é que durante este período o Japão estava sob uma política de isolamento estrito [25], com o *sakoku seisaku* (鎖国政策) ou “política de portas fechadas”, sob o xogunato Tokugawa. Esta política proibia todos os contatos estrangeiros, exceto o comércio conduzido oficialmente com os Países Baixos e a China através do porto de Nagasaki [24] e, em certa medida, com a Coreia e o reino Ryūkyū (atualmente Okinawa). Assim, não só os navios estrangeiros estavam proibidos de atracar no Japão, mas os cidadãos japoneses também estavam proibidos de deixar o país.

Os quatro naufragos que decidiram juntar-se à expedição russa, a bordo do navio Nadezhda, foram o cozinheiro do Wakamiya Maru, Gihei, nascido em Higashimatsushima, e os marinheiros Tsudayū, Sahei e Tajuro. Tsudayū e Sahei nasceram em Shiogama e tinham aproximadamente 59 e 41 anos, respectivamente, na época da partida da expedição russa, em agosto de 1803, aproximadamente dez anos depois de terem deixado o Japão e naufragado. Tajuro era o mais novo, com aproximadamente 33 anos, e nasceu na mesma aldeia de Gihei (na época, com aproximadamente 42 anos). Zenroku, que já havia se convertido ao cristianismo e se

tornado professor de japonês em Irkutsk, também se juntou à expedição como intérprete [29] mas desembarcou na Rússia antes de retornar ao Japão, em 1804.

A expedição russa atracou primeiro em Copenhague, depois em Falmouth (Inglaterra) e nas Ilhas Canárias. Após cruzar o Oceano Atlântico e a linha do Equador, em dezembro de 1803, a expedição parou em apenas um porto da América do Sul, a Ilha *Ekaterina*, ou Ilha de Santa Catarina (atuais municípios de Florianópolis e Governador Celso Ramos). Lá, eles passaram aproximadamente 45 dias para reabastecer provisões e consertar danos em um dos navios (Neva).

Após partir da Ilha de Santa Catarina, em 4 de fevereiro de 1804, a expedição passou pelo Cabo Horn, Ilha de Páscoa e Nuku Hiva (Polinésia Francesa). No Havaí, os navios se separaram: como a expedição russa supostamente tinha uma permissão para apenas um navio desembarcar em Nagasaki, o Nadezhda rumou para a península de Kamchatka e depois para o Japão para tentar a missão diplomática--que ao final foi fracassada--e o Neva dirigiu-se para a costa do Pacífico na América do Norte.

O navio russo Nadezhda chegou à costa japonesa em Nagasaki no início de outubro de 1804 mas somente após seis meses de negociações lentas sob as regras estritas do governo japonês, e depois que a missão diplomática falhou completamente, os quatro naufragos Tsudayū, Sahei, Gihei e Tajuro foram entregues às autoridades japonesas em abril de 1805. Isto deve ter ocorrido pouco antes da partida de Nadezhda.

O anonimato dos naufragos é notável nos livros que registram essa viagem de autoria de Krusenstern [30], Langsdorff [31] e Lisiansky [32], publicados em 1813 e 1818. Eles geralmente são descritos como "os japoneses". O comandante da expedição (Krusenstern) mencionou-os como "os japoneses que em 1796 foram capturados nas Ilhas Aleutas" para serem devolvidos ao Japão e para "garantir o favor do monarca [do Japão] e dos seus ministros", junto com outros presentes valiosos [30], refletindo o papel dos quatro naufragos nas negociações diplomáticas pretendidas com o Japão. Ao listar a tripulação e os passageiros do Nadezhda, ele registrou apenas "cinco japoneses", embora também tenha descrito que "exceto MM. Horner, Tilesius, Langsdorff e Laband, não havia estrangeiros a bordo de nenhum dos navios" [30]. Eles são mencionados por Krusenstern com palavras de desaprovação, sendo "difícilmente possível imaginar pessoas piores do que eram" (...) "preguiçosos, sujos em suas pessoas, sempre mal-humorados", com exceção de "um velho de sessenta anos de idade" [30], provavelmente referindo-se a Tsudayū. De acordo com Krusenstern [30], as relações entre o grupo de Tsudayū e Zenroku, o intérprete, também eram hostis: "eles viviam em um estado contínuo de guerra (...) porque ele [o intérprete] era mais notado pelo embaixador do que os outros". O russo Nikolai Reazanoff foi o embaixador responsável pela missão diplomática junto ao Japão. Sua decepção com a tarefa fracassada de estabelecer relações comerciais com o Japão provavelmente contribuiu para o início do conflito entre a Rússia e o Japão nas ilhas Kurilas, alguns anos após a passagem do navio Nadezhda em Nagasaki. Um episódio marcante registrado tanto por Krusenstern [30] quanto por Langsdorff [31] foi quando Tajuro tentou tirar sua própria vida em 16 de janeiro de 1805, supostamente pela frustração de ter chegado ao Japão, mas não ter conseguido desembarcar.

Após serem deixados aos cuidados de autoridades japonesas, eles foram enviados para a capital Edo (atual Tóquio), e submetidos a 40 dias de inquérito detalhado [21]. Nesse período, com a política de portas fechadas, os naufragos japoneses que iam para outros países enfrentavam diversos obstáculos para voltar para casa, como a possibilidade de serem presos ao retornar, e aqueles que retornavam eram submetidos a uma investigação detalhada sobre a natureza de suas experiências no exterior. Para manter a política de portas fechadas, os naufragos repatriados não eram autorizados a relatar livremente suas experiências aos cidadãos comuns [24]. O documento escrito a partir deste inquérito, conhecido como *Kankai Ibun* [5], contém os primeiros relatos de como o Brasil foi visto pelos olhos japoneses, nos primeiros anos do século XIX.

2.1. O ambiente e as plantas brasileiras sob o olhar dos náufragos japoneses

É necessária uma ressalva quanto a esta análise através do olhar dos náufragos: eles relataram o que viram para pessoas que não tiveram experiências no exterior e que interpolaram seus relatos com o que se sabia no Japão durante o período Edo. Esses relatos foram transcritos diversas vezes e, posteriormente, traduzidos. Em outras palavras, apesar de um esforço cuidadoso dos escritores para fornecer descrições precisas, os relatos originais dos náufragos foram filtrados através dessas outras sucessivas lentes. Essas narrativas também foram marcadas pelo trauma de uma viagem de mais de 10 anos por terras desconhecidas, pela incerteza de retornarem ao país de origem e pela incerteza de saber se haveria liberdade quando voltassem para casa. Além disso, Tajuro foi o único que desembarcou sempre que teve oportunidade [20]. Tsudayū também desembarcou em Santa Catarina [27]. No entanto, após a tentativa de pôr fim à própria vida meses após aportarem em Nagasaki, Tajuro provavelmente não conseguiu falar durante o interrogatório. Segundo Oshima [26], após esse incidente, ele nunca mais falou; embora o capitão do *Nadezhda* tenha relatado que "depois que seu ferimento cicatrizou, ele frequentemente ouvia dizer que os russos eram pessoas muito boas, mas ele próprio um homem muito mau; e ele desejava que sua vida pudesse ter um fim em breve" [30] (pág. 282). Assim, é possível que a maioria dos relatos das terras brasileiras tenham sido contados por Tajuro aos seus amigos que permaneceram a bordo a maior parte do tempo, e que depois os recontaram aos seus inquisidores.

Os diários de Krusenstern [30] e Lisiansky [32] registraram a travessia do Equador em 16 de novembro de 1803. Em seguida, avistaram a costa brasileira em Cabo Frio (litoral do estado do Rio de Janeiro) em 12 de dezembro e ancoraram na Ilha de Anhatomirim, na Baía de Santa Catarina, em 21 de dezembro de 1803. No *Kankai Ibun* [5] aparecem diversas interpretações errôneas tanto em relação a datas quanto a locais, apesar dos esforços de Otsuki e Shimura para serem o mais precisos possível. Entre as inúmeras notas acrescentadas por Otsuki e Shimura aos relatos que iam registrando, há várias páginas que descrevem as tentativas de equipar o calendário japonês com aquele usado pelos russos. Em uma dessas notas, ele menciona que eles devem ter desembarcado em *Ekaterina* ou *Ecaterina* (エカテリナ, ou Ilha de Santa Catarina), *Burajiri* (ブラジリ, Brasil), tendo permanecido lá por mais de 70 dias. Tal confusão também reflete o conhecimento limitado disponível durante o período Edo no Japão sobre estas partes distantes do mundo. Por exemplo, Otsuki e Shimura supunham que eles tivessem atracado em um local que poderia ser mais ao sul da Ilha de Santa Catarina, na foz do rio da Prata (que fica entre a Argentina e o Uruguai), embora levantassem dúvidas sobre isso com base na observação de que o Brasil era parte do território português (ポルトガリ, *Porutogari*) [5].

Após cruzarem o equador, os náufragos sabiam que estavam indo em direção à América do Sul e comentaram "Para o sul, a partir daquele ponto, não vimos mais nem a Estrela do Norte nem a constelação da Ursa Maior, então ficamos muito maravilhados e comentamos sobre isso" [27]. Nesta seção comentam: "Navegando em alto mar, passamos dois ou três dias em locais onde a cor da água era diferente. A água tinha uma cor avermelhada escura" [27]. Este fato foi notável, pois também foi relatado em [30] e investigado pelo naturalista Langsdorff [32], que concluiu que "este efeito surgiu de um imenso número de pequenos caranguejos que flutuavam na superfície da água". Este fenômeno é causado pelo estágio larval final (*Megalopa*) de crustáceos decápodes do fundo do mar, que foi descrito, por exemplo, para *Moreiradromia antillensis* na quebra da plataforma da costa central do Brasil em 2002 [33].

Um episódio envolvendo viajantes japoneses a bordo do *Nadezhda* nas águas do Atlântico Sul foi mencionado por Krusenstern [30]: "Capturamos apenas um tubarão, parte do qual foi comido, embora não fosse tão bom quanto um bonito. Nossos japoneses, porém, comeram a cabeça e pareciam apreciá-la muito". Os grandes tubarões

eram muito mais abundantes antes da exploração comercial dos mares do Atlântico Sul [34].

À medida que a expedição se aproximava da costa brasileira o aumento do calor foi percebido em suas observações sobre a necessidade de banhos diários, às vezes duas ou três vezes ao dia [27]. Além das datas incorretas (provavelmente devido aos diferentes calendários usados na época [27]), eles relataram que em novembro de 1803 atracaram em um grande porto chamado *Ekaterina* (エカテリナ), supostamente um dos maiores portos da América do Sul. Esta observação revela o conhecimento disperso que tinham sobre os locais por onde passavam, tanto para os viajantes japoneses como para os transcritores, Otsuki e Shimura. No início do século XIX, Santa Catarina estava longe de ser um porto importante no Brasil, quando comparado a outros portos como Salvador e Rio de Janeiro, consolidados desde o século XVI (no final do século XVII a ilha de Santa Catarina era marcada simplesmente como "estéril e deserta" nos globos terrestres de Coronelli). Para Krusenstern, a escolha por este porto para reabastecer provisões deveu-se às taxas mais baixas quando comparadas aos grandes portos [30], sugerido por La Perouse [35], que navegou por estas águas alguns anos antes e mencionou a preferência por Santa Catarina porto em vez do Rio de Janeiro para evitar as formalidades das grandes cidades. Outros cronistas de passagem por Santa Catarina no século XVIII também comentaram sobre a conveniência deste porto pela disponibilidade de madeira e provisões para navios [36-38].

Em seguida, eles descrevem que o porto era grande, mas formava uma baía muito rasa, de modo que navios grandes não podiam aproximar-se da costa. Eles também relataram vários pequenos rios fluindo para esta baía. Estas descrições, embora um tanto vagas, revelam a sua percepção da Baía Norte da Ilha de Santa Catarina e a sabedoria da época que já reconhecia as limitações para a sua navegação. O relevo submerso da Baía Norte é uma baía rasa, com profundidade média de 5 m (na verdade, trata-se de um sistema semiconfinado, pois há ligação com a Baía Sul em uma constrição de aproximadamente 500 m de largura, com maior profundidade, bem como a sua ligação aberta ao oceano) [39].

Encontra-se também uma preciosa descrição das canoas: "os barcos dos nativos eram finos e compridos como folhas de bambu. Seu fundo consistia em uma tábua pregada em um tronco de árvore partido ao meio" [27]. A canoa-de-um-tronco-só é uma embarcação tradicional em vários pontos do litoral brasileiro, inclusive no litoral catarinense. Vários cronistas e viajantes observaram e descreveram essas canoas de tronco único na Ilha de Santa Catarina, algumas delas grandes o suficiente para transportar 50 pessoas [38]. Segundo Souza-Sobrinho [40], naquela época essas canoas eram feitas de madeiras como *Aiouea glaziovii* (Mez) R.Rohde, *Terminalia kleinii* (Exell) Gere & Boatwr., *Cedrela fissilis* Vell., *Ficus organensis* Miq., *F. christianii* Carauta, *F. insipida* Willd. e *Schizolobium parahyba* (Vell.) S.F. Blake. A construção e manutenção de canoas de tronco único é uma atividade ainda encontrada atualmente nesta área [41], com registros do uso contemporâneo de *C. fissilis*, *Ficus* sp., *S. parahyba* e espécies de *Nectandra* e *Ocotea*. De Paula et al. [42] encontrou canoas com cerca de 200 anos nesta mesma região; assim, algumas canoas atualmente usadas nesta área datam do início do século XIX e ainda estão em uso. Ou seja, as canoas mais antigas encontradas atualmente no litoral catarinense poderiam ser contemporâneas daquelas testemunhadas pelos naufragos japoneses.

Segundo *Kankai Ibum*, Tajuro desembarcou e observou uma aldeia com aproximadamente mil casas. Provavelmente visitou a vila de São Miguel, onde os navios eram reabastecidos com água potável. A distância do porto descrita em *Kankai Ibum* está provavelmente mal registrada (20 ri, uma antiga medida japonesa de distância, que equivaleria a aproximadamente 80 km) porque a distância até à vila de São Miguel não é superior a 8 km de onde estavam ancorados. Tajuro e seus colegas interpretaram os locais com base no conhecimento que tinham na época, descrevendo as telhas como sendo feitas de casca de cerejeira (espécie ausente na região). Esta descrição seria

confiável apenas quanto à cor das telhas cerâmicas tradicionais quando vistas à distância. Telhas cerâmicas de formato tronco-cônico têm sido utilizadas desde a chegada dos portugueses ao Brasil no século XVI [43].

Segundo *Kankai Ibun* [27], eles observaram "um enorme número de árvores nos morros. Entre as árvores familiares estavam a bergamota e a laranja" (*Citrus* spp.). A abundância e qualidade de laranjas, limas e limões na Ilha de Santa Catarina são descritas por outros viajantes (por exemplo, [36, 38]). Tanto Krusenstern, Lisiansky e Langsdorff [30-32] destacaram em seus registros as florestas luxuriantes com abundância de recursos. Estas descrições poderiam estar inseridas no ideal romântico dos naturalistas e viajantes europeus da época, que descreviam paisagens pitorescas e exóticas, mas também eram guiados pela sua própria subjetividade [44]. Em *Kankai Ibun*, a vegetação luxuriante também atraiu a atenção dos viajantes japoneses. Na verdade, essas descrições convergem para a fisionomia da Mata Atlântica original de Santa Catarina [45].

Quando a expedição russa atracou em Santa Catarina, as provisões de alimentos básicos, frutas e madeira das florestas foram relatadas como abundantes, enquanto poucas áreas eram cultivadas. Os registros de desmatamento da ilha começaram com os primeiros relatos de navios que paravam na Ilha de Santa Catarina para abastecimento de madeira, datando de 1526, quando uma expedição espanhola que se dirigia às Ilhas Molucas ali permaneceu durante quatro meses, tempo necessário para construir uma pequena embarcação [46]. Naquela época, o uso do ambiente para o cultivo era em escala muito pequena para a produção de mandioca, milho e algodão pelos indígenas Carijós [46]. A localização estratégica e a abundância de madeira e mantimentos atraíram a atenção dos navegadores até finais do século XVIII e início do século XIX. Menos de três décadas após a visita japonesa a Santa Catarina, Duperrey [47] não encontrou abundância de provisões e recursos. Segundo Caruso [46], a partir de 1748, o desmatamento para a agricultura aumentou com a fixação de migrantes açorianos, e as mudanças na cobertura florestal já eram perceptíveis nos primeiros anos de 1800 [46].

A disponibilidade de árvores naquela época foi fundamental para o fornecimento de madeira para a construção de um novo mastro para o Neva. Os viajantes japoneses observaram a chegada da madeira ao porto, que descreveram como "uma madeira muito dura com partes vermelhas e pretas misturadas. Os russos a chamavam de *karasunazeriwa*" (カラスナゼリワ, provavelmente *krasnoye derevo* ou *krasnaya drevesina*) ou madeira vermelha. Também relacionado às matas, relataram: "Trouxeram para o navio madeiras exóticas, de cor vermelha clara e com manchas da cor de gema de ovo. No dia em que chegamos a Nagasaki, várias pessoas nos disseram que era sândalo vermelho" [27]. Relataram também que ouviram falar que uma madeira chamada *suô* 蘇枋 (スオウ) era nativa da região, mas não viram essa madeira, que foi interpretada por Gaudioso [27] como a palavra referente ao sappanwood (*Caesalpinia sappan* L., com ocorrência na Ásia), mas neste caso seria o equivalente da América do Sul, o pau-brasil (*Paubrasilia echinata* (Lam.) Gagnon, H C Lima & G P Lewis) [27].

A identificação da madeira baseada apenas na cor é muito imprecisa, e as descrições podem referir-se a diversos gêneros diferentes. Outros viajantes do final do século XVIII relataram a abundância de árvores utilizadas como madeira de alta qualidade, mas com menções dispersas à sua cor ou outras características. As espécies de madeira dessa época que puderam ser identificadas com base na ocorrência e nos nomes em português incluem *Cedrela fissilis*, *Ocotea odorifera* (Vell.) Rohwer e *Ocotea* spp. [37, 38] (as identificações das espécies foram baseadas em [40], e algumas delas são atualmente muito raras nesta área (por exemplo, *Ocotea catharinensis* Mez. [40]). Em relação ao pau-brasil, outros viajantes mencionaram a presença da "madeira brasileira usada para tingimento" em Santa Catarina no final do século XVIII e início do XIX [38, 48].

Paubrasilia echinata foi um recurso fortemente explorado até meados do século XIX [49]. Os mapas históricos do século XVI retratam grosseiramente a presença desta espécie na região, embora a informação precisa sobre a distribuição geográfica nestas

cartografias seja dificultada por dois motivos: primeiro, a necessidade de mostrar a localização precisa e os acidentes geográficos das terras descobertas e, em segundo lugar, a opção de não mostrar a distribuição de recursos de interesse econômico com fins tanto políticos como estratégicos [50]. A distribuição aceita do pau-brasil é a Mata Atlântica mais ao norte de Santa Catarina [51, 52], porém esses registros dispersos de viajantes e naturalistas dos séculos XVIII e XIX [38, 48] inspiram pensamentos sobre a possibilidade incerta de uma distribuição mais ampla, embora rara, desta espécie.

Tsundayū também desembarcou e observou um moinho de arroz. Embora encontremos poucas menções à cultura do arroz (*Oryza* sp.) na ilha, outros autores mencionaram o moinho de arroz alimentado pelo aqueduto de São Miguel [47], na região continental, perto do local onde os navios se abasteciam com água. Provavelmente tanto Tajuro como Tsundayū puderam observar a aldeia de São Miguel, mas não se sabe se desembarcaram também em Nossa Senhora do Desterro. Lisiansky [32] descreveu a abundância de cereais e alimentos básicos e forneceu uma lista de provisões que poderiam ser compradas, incluindo arroz, trigo (*Triticum* sp.), milho (*Zea mays* L.), café (*Coffea arabica* L.) e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz). Os naufragos acreditavam que os catarinenses tinham o milho como principal alimento e observavam a proibição de comer arroz [27]. Porém, o que descreveram como a farinha de milho preparada com água quente para fazer uma espécie de cola foi provavelmente a primeira descrição do *beiju* ou *tapioca* pelos olhos japoneses. O principal alimento da época era a mandioca, geralmente preparada como farinha misturada com água quente e consumida no lugar do pão [31]. Para Langsdorff [31], milho e pão branco eram encontrados apenas entre as pessoas de classes mais altas e mais ricas.

Os viajantes japoneses relataram em *Kankai Ibun* diversos produtos locais, como "couves, nabos (finos, sem alteração de sabor), rábanos (redondos), melões chineses, melões, melancias, abóboras, pepinos, uvas, pimentas (os frutos são pequenos e as pimenteiras crescem como árvores), laranjas, nozes (pequenas), maçãs, cana-de-açúcar (as grossas tinham o diâmetro de um punho)" [27]. Relatos de viajantes desde o século XVIII mencionavam a presença de uma notável variedade de laranjas (*Citrus* spp.) [36, 38, 53], e melões, melancias (Cucurbitaceae), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.) e uvas (*Vitis vinifera* L.) [38, 53]. Alguns poucos produtos listados por Lisiansky como comprados pela expedição [32] eram os mesmos descritos em *Kankai Ibun*: limões (*Citrus* sp.), abóboras (*Cucurbita* sp.), bananas (*Musa* sp.). Embora se esperasse que algumas dessas culturas e frutas estivessem presentes em Santa Catarina naquela época, outras poderiam ter sido relatadas como similares às frutas conhecidas no Japão.

A descrição dos cocos (*Cocos nucifera* L.) é a seguinte: "Havia alguns frutos muito grandes. A casca externa era grossa. Ao retirá-la, dava para ver a casca interna muito dura, parte da qual parecia o rosto de uma pessoa. Seu interior estava cheio de carne oleosa, doce como nozes". Os escravizados colocavam essas frutas em um recipiente e nadavam até o navio para vendê-las. Relataram que ao experimentarem essas frutas, "sentimos o frescor na boca e esquecemos o calor intenso, por isso compramos e comemos várias vezes" [27]. De acordo com *Kankai Ibun* [27], Tsundayū trouxe um objeto parecido com uma concha que usou como recipiente de água, e os escritores de *Kankai Ibun* concluíram que era de fato um coco verde, ou *kokkosu* (コッコス).

Uma das descrições mais ricas está relacionada à bananeira (*Musa* sp.), como uma planta verde que produz de 20 a 30 cachos de coisas longas, com três bordas longitudinais, sem sementes, que são verdes no início, mas quando maduras tornam-se amarelas (Figura 1). Eles relataram a colheita desses frutos quando verdes e demorando dois dias para amadurecer, sendo doces e brancos no interior, e consideraram-no semelhante ao akebi [27]. Akebi (*Akebia quinata* (Thunb. ex Houtt.) Decne.) é uma fruta nativa do Japão com sabor adocicado. Vale notar as ligeiras mudanças nas representações das bananas nas diferentes versões do *Kankai Ibun* (Figura 1 [5, 54-58]). Essas diferenças revelam a novidade no conhecimento desta fruta no Japão do século XIX, provavelmente misturada ao exotismo de terras e plantas desconhecidas.

Além das plantas entre os produtos e bens adquiridos, eles também descreveram o cultivo do algodão, que era “idêntico ao observado no Japão”, mas com folhas maiores [27]. Frézier [53] descreveu detalhadamente a presença de algodão na ilha, ao qual se referiu como *Gossypium arboreum* L. ou *Xylon* sp. [53]. Naquela época, o algodão era relatado por outros viajantes como uma das principais culturas [38], e provavelmente cultivado pelos indígenas Carijó antes dos colonos europeus [46]. Há uma observação acrescentada pelos escritores do *Kankai Ibun*, Otsuki e Shimura, sobre a possibilidade destas plantas de algodão sobreviverem por mais de um ano devido ao clima quente.

Finalmente, *Kankai Ibun* também menciona vários animais testemunhados pelos olhos dos náufragos viajantes japoneses. Entre os animais domésticos, observaram porcos, com presas e carne gordurosa, e bovinos, também com carne gordurosa; cães semelhantes aos do Japão e gatos malhados de três cores, semelhantes aos do Japão, mas aparentemente mais ferozes [27]. Mencionaram também a falta de peixes e a disponibilidade de camarões em abundância [27]. A falta de peixes pode ser devida às condições climáticas (geralmente com menor produtividade no verão, período em que atracaram em Santa Catarina), pois outros relatos do século XVIII mencionam a abundância de peixes [36, 37, 53], mas isso também pode indicar o início do declínio nos estoques pesqueiros locais. Um peixe lhes chamou a atenção, “com carapaça quadrada semelhante à de uma tartaruga” e com pele semelhante à do baiacu (Figura 1), provavelmente referindo-se a *Spherooides testudineus*.

Animais não domesticados incluem descrições de macacos de cauda longa e “passarinhos de uma cor muito bonita, azuis e com bicos vermelhos e buracos nasais. Cantam fazendo *kiu kiu*. Quando alguém mostra a língua, eles a chupam com o bico” [27], provavelmente referindo-se a beija-flores. Eles também descreveram o que se supõe ser a Procyonidae *Nasua nasua*, com pelagem cinza-esbranquiçada, focinho longo e cauda listrada e cheiro ruim. Alguns desses animais foram criados no navio, mas vários morreram durante a viagem; provavelmente um deles sobreviveu até chegar ao porto de Kamchatka. Oshima [59] apresenta trechos dos diários de outros tripulantes da expedição russa, como Ratmanov e Levenstein (レーベンシュタイン, provavelmente Lowenstern) descrevendo outros aspectos dos animais encontrados nesta parte da expedição, incluindo um episódio a bordo com macacos capturados e os viajantes japoneses.

Ao final dos relatos sobre a estadia na Ilha de Santa Catarina, o documento apresenta um desenho (Figura 1) e a descrição de um jacaré trazido a bordo. É descrito como um filhote de quatro patas de um animal chamado *garukaruzeru* (ガルカルゼル). O animal tinha pele grossa e escura, escamas nas patas e espinhos na cauda. Sua boca estava cheia de dentes desencontrados e acima dos olhos havia coisas que pareciam calos. Cada pata tinha três unhas, e os náufragos japoneses relataram que lhes foi dito que “esses calos acima dos olhos transformam-se em chifres quando crescem e que vivem tanto no mar como nas montanhas e que até caçam e devoram os homens. Olhando para o desenho do dragão, achamos que é semelhante. Até comentamos que era realmente um bebê dragão” [27]. Seguindo o desenho apresentado, concluíram que se tratava de um jacaré, ou crocodilo (*kokojiru*, ココジル). Relataram também que o animal foi morto e preservado pelo uso de uma substância química branca, remoção de vísceras e olhos, e substituição dos olhos por esferas. Lisiansky [32] também relatou este episódio: “pegamos um filhote e o enviamos a bordo do Nadezhda aos naturalistas, que preservaram a pele. Embora esse monstinho mal fosse um jacaré de um metro de comprimento”. *Caiman latirostris*, ou jacaré-de-papo-amarelo, está distribuído na parte oriental da América do Sul e é facilmente encontrado em áreas úmidas e manguezais da Ilha de Santa Catarina [60] até os dias atuais.

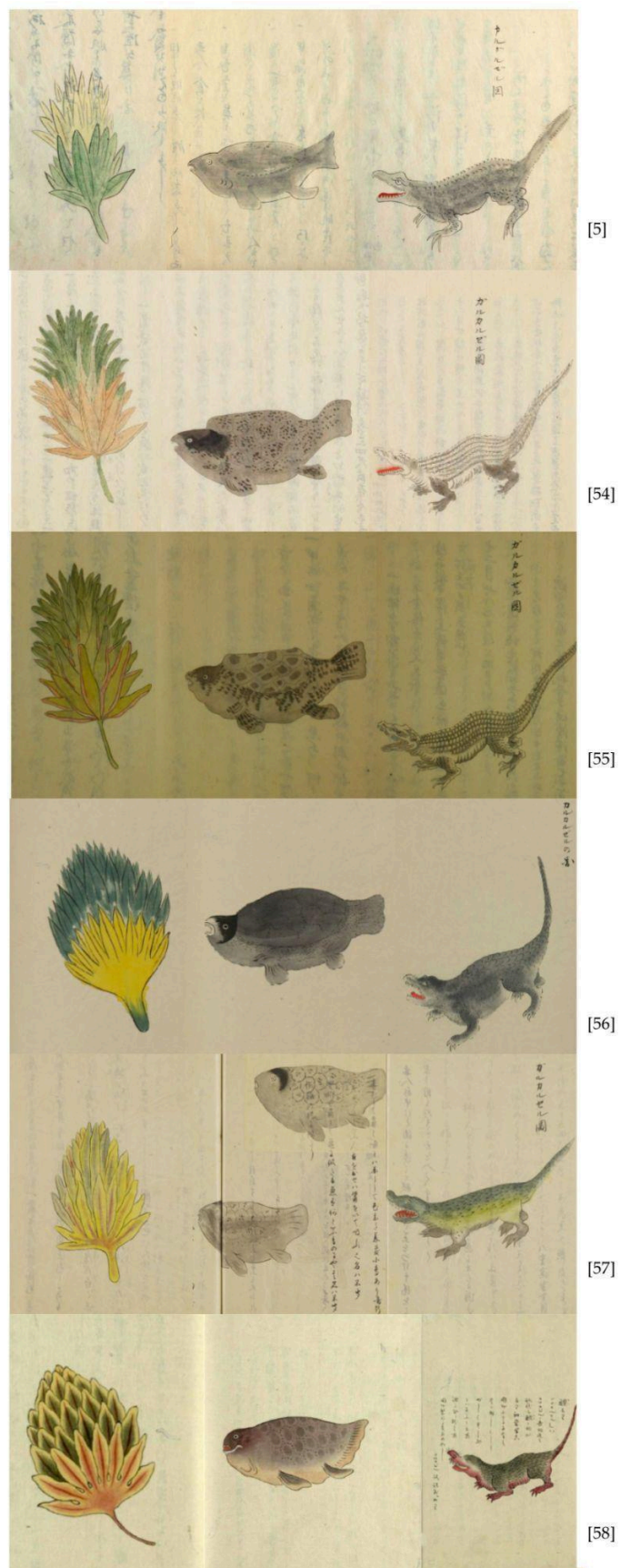


Figura 1. Exemplos de diferentes versões dos desenhos de *Kankai Ibun* sobre os elementos da natureza observados no Brasil. Da esquerda para a direita: bananas (*Musa* sp.), baiacu

(provavelmente *Spheroides testudineus*) e jacaré (*Caiman latirostris*). As fontes estão indicadas pelos números no canto inferior direito de cada série de imagens.

3. Materiais e métodos

Havia mais de 30 cópias manuscritas do *Kankai Ibun* circulando no período Edo no Japão [25]. A versão completa de *Kankai Ibun* também foi publicada em versão impressa em Tóquio em 1986 [61] e em uma coleção de histórias anedóticas de naufragos sob o título *Hyōryū kidan zenshu* [21]. Neste ensaio, usei a tradução de Tomoko Kimura Gaudioso [27] para o português brasileiro do volume 12 de *Kankai Ibun* como principal fonte textual. Outras versões foram acessadas e consultadas tanto para texto quanto para imagens [5, 54-58, 61].

Para triangular informações e compreender o contexto da viagem no final do século XVIII e início do século XIX, procurei documentos históricos com descrições da expedição russa dos navios Nadezhda e Neva e outros documentos que descrevessem o contexto socioeconômico e ambiental de Santa Ilha Catarina (vários deles compilados por Haro [62]). As principais fontes sobre a circunavegação russa aqui utilizadas foram os relatórios do capitão da expedição estoniano e comandante do navio principal, Nadezhda, Adam Johann von Krusenstern [30], publicados originalmente em alemão em 1803; o diário do comandante ucraniano do Neva, o segundo navio da expedição russa, Yuri Fyodorovich Lisiansky [32]; e os registros de um dos naturalistas a bordo, o médico alemão Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff [31]. Dez anos depois, Langsdorff retornaria ao Brasil como cônsul-geral da Rússia, no Rio de Janeiro, e depois disso lideraria importantes expedições naturalistas no Brasil. Antes de ingressar na expedição de circunavegação russa, Langsdorff exerceu medicina em Lisboa, conhecendo assim o idioma utilizado no Brasil. Seu livro de 1813 inclui uma das primeiras transcrições escritas de música em Santa Catarina, uma “Ária Brasileira”. Souza-Sobrinho [40] mencionou que Langsdorff coletou mais de 80 espécies de madeira em sua primeira viagem ao Brasil, mas infelizmente, Langsdorff descreveu a perda da maior parte das amostras botânicas devido à umidade [31], tendo publicado apenas descrições de pteridófitas coletadas nessa viagem [63] e nenhuma delas pôde ser relacionada às descrições dos japoneses. Outros relatos escritos da circunavegação russa, como os registros de Wilhelm Gottlieb Tilesius von Tilenau, o principal naturalista a bordo do Nadezhda, não foram utilizados devido à falta de dados contextuais que pudessem relacioná-los aos registros *Kankai Ibun*.

Os nomes botânicos mencionados em documentos históricos ou na literatura foram atualizados seguindo Plants of the World Online [64] e World Flora Online [65].

4. Conclusões

Pouco se sabe sobre o que aconteceu aos quatro naufragos após o interrogatório em Edo. Eles supostamente retornaram às suas cidades de origem, com a proibição expressa de contar o que testemunharam fora do Japão. Tajuro e Gihei faleceram pouco tempo depois de retornarem à sua cidade, aos 36 e 45 anos, respectivamente [29]. Tsudayū faleceu aos 70 anos e Sahei faleceu aos 67 anos [29].

Os relatos das experiências dessas quatro pessoas ao redor do mundo revelam pedaços de lugares, plantas e animais que existiam apenas no imaginário dos japoneses, ou ainda, eram lugares e plantas nunca imaginados antes. A ampla circulação de vários exemplares do *Kankai Ibun* durante o período do Xogunato Tokugawa certamente desempenhou um papel na construção da visão japonesa sobre o Brasil através do olhar dessas quatro pessoas, o que certamente contribuiu profundamente para a futura implementação do tratado de amizade assinado entre o Japão e o Brasil [1] que acabou por resultar nas ondas migratórias do início do século XX. Essas impressões e visões

também podem ter tido consequências sutis na construção das diversas identidades dos descendentes de japoneses no Brasil [66].

Estes registros são relatos históricos de valor inestimável que devem ser lidos e interpretados com cautela, filtrados por todo o contexto rico e dramático que rodeia estes acontecimentos. Além da cautela já mencionada na análise de registros feitos por terceiros de fatos armazenados na memória dos viajantes, esses relatos podem ter incorporado distorções ao longo do tempo devido às transcrições e ao longo das sucessivas traduções. Porém, vários tesouros ainda estão escondidos por trás dessas narrativas. Essa incrível história de quatro pessoas que viajaram involuntariamente pelo mundo e quase de um pólo a outro certamente tem muito mais a ser explorada sob as lentes etnobiológicas e etnobotânicas. Além da passagem catarinense, ricos relatos sobre todos os outros pontos de passagem dessa jornada estão incluídos no *Kankai Ibun*. Este ainda é um documento etnográfico rico e subutilizado, mostrando-nos “um vislumbre do mundo tal como parecia aos marinheiros japoneses comuns” [20].

Por fim, além dos testemunhos relacionados à biodiversidade, os registros históricos mostram diferentes perspectivas sobre os ambientes e o mundo. Também ajudam a compreender como as identidades são construídas do passado ao presente, com tantas conexões num mundo multicultural.

Materiais Suplementares: Uma versão deste artigo em português do Brasil está disponível como material suplementar e pode ser baixada em: www.mdpi.com/Hanazaki_Portuguese_version_s1.

Contribuições dos autores: NH conceituou, pesquisou e escreveu o artigo.

Financiamento: Esta pesquisa foi apoiada pela bolsa de pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (305789/2022-1) .

Agradecimentos: Expresso minha gratidão a H. Y. Kaneoya e I. Kaneoya pelos valiosos materiais e pensamentos compartilhados sobre o *Kankai Ibun*. Agradecimentos a A.S. Freire pela informação sobre as larvas de Decapoda; a P. da Rosa pela indicação do artigo sobre o pau-brasil; G.R. Brito pela dica sobre o beija-flor; R. Soukand, V.S.F. Krueel e E. M. Nakamura pelos comentários em uma versão prévia deste artigo.

Conflitos de interesses: A autora declara não haver conflito de interesses.

Referências

1. Gaudioso, T.K. A presença dos primeiros japoneses no Brasil. *Cadernos do Programa de Pós-graduação em Direito* **2003**, *special volume*, pp. 9-18.
2. Ninomiya, K.Z. A View of the Outside World during Tokugawa Japan: An Analysis of Reports of Travel by Castaways, 1636 to 1856. Doctoral thesis, University of Washington, Seattle, 2008.
3. Ministry of Foreign Affairs of Japan. Available online: <https://www.mofa.go.jp/region/latin/brazil/data.html> (accessed on 24 November 2023)
4. Embaixada do Japão no Brasil. Available online: https://www.br.emb-japan.go.jp/itpr_ja/11_000001_00428.html (accessed on 24 November 2023)
5. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun - dai 12 kan*. Manuscript. 1807.
6. Caminha, P. V. *Carta ao rei D. Manuel, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral*. Manuscript. 1500. Available online: https://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_manuscritos/mss1277755.pdf (accessed on 3 January 2024)
7. Andrade-Lima, D. A botânica da carta de Pero Vaz de Caminha. *Rodriguesia* **1984**, *36(58)*, pp. 5-8.
8. Gandavo, P. M. *Tratado da terra do Brasil*. Edições do Senado Federal: Brasília, Brazil; 2008. 155pp.

9. Piso, W. *De Indiae utriusque re naturali et medica libri quatuordecim, quorum contenta pagina sequens exhibet*. 1658. Available online: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasraras/or1474094/or1474094.pdf (accessed on 3 January 2024)
10. Humboldt, A. V.; Bonpland, A. *Le voyage aux régions équinoxiales du Nouveau Continent, fait en 1799–1804*. 1820. Available online: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k972858> (accessed on 3 January 2024)
11. Darwin, C. *The origin of the species*. 1859. Available online: http://darwin-online.org.uk/converted/pdf/1859_Origin_F373.pdf (accessed on 3 January 2024).
12. Brandão, M.G.; Zanetti, N.N.; Oliveira, P.; Graef, C.F.; Santos, A.C.; Monte-Mór, R.L. Brazilian medicinal plants described by 19th century European naturalists and in the Official Pharmacopoeia. *J Ethnopharmacol* **2008**, *120*(2), pp. 141–148. <https://doi.org/10.1016/j.jep.2008.08.004>
13. Kalle, R.; Sõukand, R. Historical ethnobotanical review of wild edible plants of Estonia (1770s–1960s). *Acta Soc Bot Pol Tow Bot* **2012**, *81*(4). <http://dx.doi.org/10.5586/asbp.2012.033>
14. Copenheaver, C.A.; Peterson, J.A.; DeBose, K.G.; Barney, J. N. Non-native plants observed in North America by 18th century naturalists. *Ecoscience* **2023**, pp. 1–13. <https://doi.org/10.1080/11956860.2023.2180925>
15. Santos-Fonseca, D.J.D.; Coelho-Ferreira, M.; Fonseca-Kruel, V.S.D. Useful plants referenced by the naturalist Richard Spruce in the 19th century in the state of Pará, Brazil. *Acta Bot Bras* **2019**, *33*, pp. 221–231. <https://doi.org/10.1590/0102-33062018abb0344>
16. Mariath, F.; Baratto, L.C. Female naturalists and the patterns of suppression of women scientists in history: the example of Maria Sibylla Merian and her contributions about useful plants. *J Ethnobiol Ethnomed* **2023**, *19*(1), 17. <https://doi.org/10.1186/s13002-023-00589-1>
17. Silva, T.C.D.; Medeiros, P.M.; Balcázar, A.L.; Sousa, T.A.D.A.; Pirondo, A.; Medeiros, M.F.T. Historical ethnobotany: an overview of selected studies. *Ethnob conserv* **2014**, *3*, 4. <https://doi.org/10.15451/ec2014-6-3.4-1-12>
18. Medeiros, M.F.; Alves, R. Nineteenth century zootherapy in Benedictine monasteries of Brazil. *An acad bras cienc* **2020**, *92*(2). <https://doi.org/10.1590/0001-3765202020181113>
19. Hallam, S. J. Peopled landscapes in southwestern Australia in the early 1800s: Aboriginal burning off in the light of Western Australian historical documents. *Early Days: J R West Aust Hist Soc* **2002**, *12*(2), pp. 177–191.
20. Putman, T.R.; Brenckle, M. Tajuro's Jacket: A Story of Japanese Castaways, Russian Ambassadors and a Remarkable Early Nineteenth-Century Sailor's Jacket. *Costume* **2021**, *55*(2), pp. 240–265.
21. Ramming, M. A description of the Gottorp globe in a Japanese manuscript book. *Imago mundi* **1952**, *9*, pp. 103–105, <https://doi.org/10.1080/03085695208592019>
22. Klobukova, N.F. At the Crossroads of Cultures: A Story of Two Performances. *Russian Japanology Rev* **2022**, *2*, pp. 95–115. <http://doi.org/10.55105/2658-6444-2022-2-95-1152022>
23. Takakura, H. Siberian Ethnology and Edo-Period Castaway Accounts. *The Bulletin CNEAS* **2014**, *1*, pp. 1–2. Available online: http://www.cneas.tohoku.ac.jp/e_data/img/handbook/news01e.pdf (accessed on 24 November 2023)
24. Nomura, T. The repatriation system of castaways in pre-modern East Asia. *The Journal of Intercultural Studies* **2020**, *42*, pp. 77–83, <http://doi.org/10.18956/00007986>
25. Wood, M.S. *Literary subjects adrift: a cultural history of early modern Japanese castaway narratives, ca. 1780–1880*. Doctoral thesis, University of Oregon, Eugene, 2009.
26. Oshima, M. The First Japanese to Circle the Globe: Castaways of the Wakamiya-Marū. *Ship & Ocean Newsletter* **2010**, *12*, pp. 22–23.
27. Gaudioso, T. K. Kankai Ibun dai 12 kan: informações exóticas ouvidas na viagem ao redor do mundo. *Cadernos do Programa de Pós-graduação em Direito* **2003**, *special volume*, pp. 19–35.
28. Cunha, M. A. *A aventura dos primeiros japoneses na América do Sul*. Nipocultura: Florianópolis, Brazil, 2023. 26 p.
29. Library of Miyagi Prefecture. 鎖国の時代に世界一周した若宮丸の津太夫と左平. Miyagi Prefecture: Shiogama, Japan, 2008; 30 pp.
30. Von Krusenstern, A.J. *Voyage round the world in the years 1803, 1804, 1805, & 1806, by order of his imperial majesty Alexander the First on board the ships Nadeshda and Neva, under the command of Captain A.J. Von Krusenstern, of the imperial navy*. John Murray: London, United Kingdom, 1813; 404 pp.
31. Von Langsdorff, G.H. *Voyages and travels in various parts of the world during the years 1803, 1804, 1805, 1806 and 1807*. Henry Colburn: London, United Kingdom, 1813; 362 pp.

32. Lisiansky, U. *A Voyage round the world in the years 1803, 4, 5, & 6: performed, by order of His Imperial Majesty Alexander the First, Emperor of Russia, in the ship Neva 1814*. John Booth: London, United Kingdom, 1814; 388 pp.
33. Almeida, E.V.D.; Fernandes, L.D.D.A.; Bonecker, S.L.C. Neustonic patch of *Moreiradromia antillensis* (Stimpson, 1859)(Crustacea: Brachyura: Dromiidae) megalopae over the shelf-break: evidence of synchronism in pre-settlement larval pool. *PANAMJAS* **2021**, *16*(3), 231. <https://doi.org/10.54451/PanamJAS.16.3.231>.
34. Burg Mayer, G.; de Souza, E.C.S.; Gilson, S.P.; de Freitas, R.H.A. South Brazil pre-colonial sharks: Insights into biodiversity and species distributions. *J Fish Biol* **2022**, *100*(3), pp. 811-819. <https://doi.org/10.1111/jfb.14998>
35. La Pérouse, J.F.G. Voyage de La Pérouse autour du monde. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 109-117.
36. Anson, G. A voyage round the world in the years MDCCXL, I, II, III, IV. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 57-72.
37. Shelvocke, G. A voyage round the world by the way of the great South Sea, perform'd in the years 1719, 20, 21, 22, in the Speedwell of London. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 32-48.
38. Pernetty, A.J. Histoire d'un voyage aux Isles Malouines, fait en 1763 & 1764; avec des observations sur le detroit de Magellan, et sur les Patagons. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 75-108.
39. Bonetti J.; Nunes, M.G.; Oliveira, M.S.C.; Gré, J.C.R. Caracterização do Relevo Submerso da Baía Norte-SC com base na aplicação de um Modelo Digital de Terreno. *GEOSUL* **1998**, *27*(14), pp. 211-217
40. Souza Sobrinho, R.J. Recursos florestais da Ilha de Santa Catarina no Brasil colônia. *Insula* **1972**, *6*, pp. 5-27.
41. Orofino, G.G.; Roque, T.V.; Fonseca-Kruel, V.S.; Peroni, N.; Hanazaki, N. Local knowledge about dugout canoes reveals connections between forests and fisheries. *Environ Dev Sust* **2018**, *20*, pp. 2773-2793. <https://doi.org/10.1007/s10668-017-0016-8>
42. Paula, L.L.; Dechoum, M.; Fonseca-Kruel, V. S.; Tamaio, N.; Hanazaki, N. Artisans and dugout canoes reveal pieces of Atlantic Forest history. *Plos one* **2019**, *14*(6), e0219100. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0219100>
43. Filho, J.L.P. Eram as telhas feitas nas coxas das escravas?. *Arqueologia* **2006**, *10*(1), pp. 17.
44. Solana Cassol, L.A. O olhar de um viajante no século XIX: Langsdorff em Nossa Senhora do Desterro. *Revista Santa Catarina em História* **2019**, *13*(2), pp. 42-53.
45. Klein, R. M. Árvores nativas da ilha de Santa Catarina. *Insula* **1969**, pp. 3-93.
46. Caruso, M.M. *O desmatamento da Ilha de Santa Catarina de 1500 aos dias atuais*, 2nd ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1990; 158 pp.
47. Duperrey, L.I. Voyage autour du monde, exécuté par ordre du Roi, sur la Corvette de Sa Majesté, La Coquille, pendant les années 1822, 23, 24 et 25. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 248-264.
48. Golovnin, V. Golovnin 1808. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 196-205.
49. Bastos, J.G.; Kury, L.; Hanazaki, N.; Capozzi, R.; Fonseca-Kruel, V.S.D. A Biodiversity Hotspot Losing Its Biocultural Heritage: The Challenge to Biocultural Conservation of Brazilwood (*Paubrasilia echinata*). *Fro For Glob Change* **2022**, *5*, 696757. <https://doi.org/10.3389/ffgc.2022.696757>
50. Rocha, Y.T.; Presotto, A.; Cavalheiro, F. The representation of *Caesalpinia echinata* (Brazilwood) in sixteenth-and-seventeenth-century maps. *An Acad Brasil Cien* **2007**, *79*, pp. 751-765. <https://doi.org/10.1590/S0001-37652007000400014>
51. Flora e Funga do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Available online: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> (accessed on 28 November 2023)
52. Rees, M.; Neaves, L.E.; Lewis, G.P.; de Lima, H.C; Gagnon, E. Phylogenomic and morphological data reveal hidden patterns of diversity in the national tree of Brazil, *Paubrasilia echinata*. *Am J Bot* **2023**, e16241. <https://doi.org/10.1002/ajb2.16241>
53. Frézier, A.F. Relation du voyage de la Mer du sud aux côtes du Chily et du Perou, fait pendant les années 1712, 1713 & 1714. In *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed.; Haro, M.A., Ed.; Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996; pp. 15-28.

54. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun*. Manuscript. 1805. Available online: <https://kokusho.nijl.ac.jp/biblio/100304901/304?ln=ja> (accessed on 28 November 2023)
55. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun*. Manuscript. Available online: https://archive.wul.waseda.ac.jp/kosho/ru02/ru02_01368/ru02_01368_0013/ru02_01368_0013.html (accessed on 28 November 2023)
56. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun*. Manuscript. Available online: https://archive.wul.waseda.ac.jp/kosho/bunko08/bunko08_c0006/ (accessed on 28 November 2023)
57. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun*. Manuscript. 1844. Available online: <https://rmda.kulib.kyoto-u.ac.jp/item/rb00022850#c=0&m=0&s=0&cv=363&r=0&xywh=-4261%2C0%2C13166%2C3666> (accessed on 28 November 2023)
58. Otsuki, G.; Shimura, H. *Kankai ibun*. Manuscript. Available online: <https://especiais.nsctotal.com.br/japoneses-em-santa-catarina/> (accessed on 28 November 2023)
59. Oshima, M. ナジエージダ号乗組員が見たブラジル. 石巻若宮丸漂流民の会会報「ナジエージダ」**2008**, 7(20), pp. 1418.
60. Fusco-Costa, R.; Castellani, T.T.; Tomás, W.M. Abundância e locais de ocorrência do jacaré-de-papo-amarelo (*Caiman latirostris*, Alligatoridae) no noroeste da Ilha de Santa Catarina, SC. *Biotemas* **2008**, 21(4), pp. 183-187. <https://doi.org/10.5007/2175-7925.2008v21n4p183>
61. Otsuki, G.; Shimura, H. 環海異聞 本文と研究. Yasaka Shobo: Tokyo, Japan, 1986. Available online: <https://archive.org/details/kankaiibunhonbun00otsu/page/594/mode/1up> (accessed on 28 November 2023)
62. Haro, M.A. *Ilha de Santa Catarina: relatos de viajantes estrangeiros nos séculos XVIII e XIX*, 4th ed. Editora da UFSC: Florianópolis, Brazil, 1996.
63. Von Langsdorff, G.H. *Plantes recueillies pendant le voyage des Russes autour du monde*. Chez J.G. Cotta: Tubingen, Germany, 1810.
64. Plants of The World Online. Available online: <https://powo.science.kew.org/> (accessed on 28 November 2023)
65. World Flora Online. Available online: <https://about.worldfloraonline.org/> (accessed on 28 November 2023)
66. Machado, I.J. *Japonesidades multiplicadas: novos estudos sobre a presença japonesa no Brasil*. EdUFSCar: São Carlos, Brazil, 2011.

Isenção de responsabilidade/Nota do editor: As declarações, opiniões e dados contidos em todas as publicações são exclusivamente de responsabilidade do(s) autor(es) e colaborador(es) individual(is) e não do MDPI e/ou do(s) editor(es). O MDPI e/ou o(s) editor(es) isentam-se de responsabilidade por qualquer dano a pessoas ou propriedades resultante de quaisquer ideias, métodos, instruções ou produtos mencionados no conteúdo.